



A MORTE DO MARECHAL DE TURENNE.

CONTANDO já 64 annos d'idade o celebre Turenne commandou na campanha de 1675 as tropas de Luiz 14.^o de França contra as que eram capitaneadas pelo illustre Montecuculli, que foi um grande mestre da arte de guerrear. Os dois insignes generaes travaram o combate junto á povoação de Saltzbach; mas quando o visconde de Turenne dava as suas ordens no furor da refrega, e Mr. de Saint-Hilaire, general da artilheria lhe indicava as posições das baterias, uma bala de peça levando um braço a Saint-Hilaire matou o visconde. O filho do ferido lavado em lagrimas acudiu a socorrer seu pai: mas este lhe disse: *não me chores, chora esse grande homem que a morte nos roubou.* Palavras heroicas e que são o mais digno elogio de Turenne! — Montecuculli, seu rival, instruido do funesto acontecimento, mas para elle vantajoso, exclamou: *morreu um homem que era a honra do genero humano!* — Novo e mais forte elogio na boca d'um inimigo! E não só eram estes louvores endereçados ao guerreiro que dirigira habilmente muitas campanhas, mas a um homem bom, generoso, e justo, como foi em toda a sua vida o marechal de Turenne. Innumeraveis são os factos que provam a grandeza d'animo, a modestia, e o desinteresse deste grande capitão: espalhava beneficios pelos seus soldados, poupava os bens e as pessoas dos contrarios, respeitava em toda a parte as propriedades, e mais que tudo os principios da honra. Scipião na antiguidade foi louvado pela sua continencia, citaremos um facto de Turenne; observando que as acções deste homem celebre eram sempre acompanhadas de tal modestia e recato, que só uma virtude bem firme pôde guardar. — Depois da

tomada da fortaleza de Solre no Hainault, em 1637, os primeiros soldados que entraram na praça trouxeram immune á presença do general uma pessoa d'estremada formosura, como porção a mais preciosa do despojo. Turenne fingindo acreditar que elles tinham praticado uma acção honrosa esquivando aquella pessoa á brutalidade d'outros soldados, elogiou-os muito, e mandando procurar o marido da prisioneira, lh'a entregou dizendo publicamente: *Deveis ao comediamento dos meus soldados a honra de vossa mulher.*

Turenne era appellidado o *pai dos soldados*, porque não houve general que sem relaxar a disciplina fosse mais compassivo para com os subditos. N'uma retirada penosa, em que as tropas marchavam de noite e de dia, voltando á retaguarda para ver se tudo caminhava em boa ordem, viu um soldado que totalmente desfalecido se arremeçára para junto d'uma arvore a esperar o acabamento de seus males: Turenne apeou-se, ajudou-o a levantar-se e o fez cavalgar no cavallo que montava, acompanhando-o a pé até as carroças dos feridos e estropiados.

A França consternou-se com a morte do seu grande general: toda a Europa unanimemente honrou a memoria de Turenne; Luiz 14.^o ordenou que o sepultassem no jazigo real da abbadia de S.^t Denis: até os proprios inimigos o veneraram, porque os habitantes da Suabia nunca mais cultivaram o pedaço de terreno onde cahira morto em Saltzbach; e hoje ahí está levantado um monumento para commemoração das suas virtudes. As cinzas deste homem illustre repousam sob o zimbório da igreja do hospital dos invalidos em París, para onde Napoleão as mandou trasladar em 1800.

CRENÇAS POPULARES PORTUGUEZAS.

I

TODAS as nações tanto antigas como modernas teem sido sujeitas á doença moral chamada credulidade. Dada a crença da existencia dos espiritos e da sua immortalidade, os homens vendo diariamente morrer os seus semelhantes, e sentindo em si uma consciencia que repugna á anniquilação, perceberam facilmente que o espirito não morria: a revelação não fez mais que confirmar um sentimento innato no homem. Depois a saudade dos mortos que nos foram caros, e o temor que experimentavam os criminosos de que as suas victimas ainda se podessem vingar delles alem do sepulchro; emfim amor e remorsos, ajudados da imaginação, povoaram este mundo de phantasmas. A Grécia, sempre poetica, formulou esta serie de factos intellectuaes em muitas expressões materiaes: sirva d'exemplo a descida d'Orpheu aos infernos em busca d'Euridice, mytho formosissimo, com que os antigos gregos simbolisaram o amor como capaz de unir os espiritos que passaram com os que vivem na terra. A imaginação multiplicou e variou estas expressões de um pensamento vago e primitivo. D'ahi vieram os lemures, as strygas, e todas essas creações extravagantes, que ainda no primeiro seculo christão o severo philosopho Plinio não se atrevia inteiramente a descrever.

Entre as nações modernas a portugueza passa por uma das mais inclinadas a muitas destas superstições. É uma das multiplicadas calumnias que sobre nossas cabeças lançam estrangeiros: quem diso se quizer desenganar leia o *Diccionario infernal* de Collin de Plancy, e achará que qualquer provincia da França, ainda das mais civilisadas, nos deita, como se diz vulgarmente, a barra adiante em superstições populares. Quasi o mesmo se póde dizer da nação mais allumiada da Europa — a allemã. Na Inglaterra basta dizer que não haverá ahi perro turco, ou bramene credulo que leve vantagem em superstição ao povo dos tres reinos unidos. As bruxas, diabos azues, vampiros, e seiscentas outras diabruras surgem, por assim dizer, debaixo dos pés dos inglezes, como nos pinhaes do Alemtejo e Estremadura se erguem, debaixo dos pés dos caminhantes, as ninhadas dos sapinhos, quando sobre o pó das estradas cae em dia de verão um aguaceiro de trovoadas.

Apesar, porém, de não sermos dos povos mais abastados neste genero de riquezas [que poeticamente o são] tem havido entre nós muitas crenças populares dignas de se fazer menção dellas; por isso mesmo que as mais antigas são geralmente desconhecidas, e as mais modernas vão diariamente desaparecendo; que ao menos esse bem temos tirado das nossas luctas politicas e deste espirito do seculo, que renegou de tudo quanto nos transmittiu o passado. Tanto de umas como de outras colligiremos aqui algumas especies, que se nos não enganamos, serão lidas com interesse pelos leitores do Panorama.

Um dos mais antigos documentos que nos restam sobre as superstições populares é a celebre postura da camara de Lisboa de 1385. Esta postura caracterisa essencialmente o espirito religioso da epocha de D. João 1.^o — Nella se prohibem as superstições populares, as quaes ahi se enumeram, como querendo a camara agradecer assim a Deus a victoria d'Aljubarrota, que assegurou a independencia de Portugal. Transcreveremos algumas passagens do referido estatuto, sem que tentemos explicar muitas dessas superstições a que ahi se allude, porque difficil fôra

appresentar mais do que conjecturas. Eis o que nos parece mais notavel naquelle assento municipal:

«Os sobreditos estabelecem e ordenam, que daqui em diante nesta cidade, nem em seu termo nenhuma pessoa não use, nem obre de feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem de descantações, nem de obra de veadeira, nem obre de carantulas, nem de geitos, nem de sonhos, nem d'encantamentos, nem lance roda, nem lance sortes, nem obre d'advinhamentos nem outrosim ponha nem meça cinta, nem *escante olhado* em ninguém, nem lance agua por joeira»

«Outrosim estabelecem que daqui em diante nesta cidade e em seu termo não se cantem janeiras nem maias, nem a outro nenhum mez do anno, nem se lance cal ás portas sob titulo de janeiro, nem se furtem aguas, nem se lancem sortes»

«Porque o carpir e depenar sobre os finados é costume que descende dos gentios, e é uma especie de idolatria, e é contra os mandamentos de Deus, ordenam e estabelecem os sobreditos que daqui em diante nesta cidade, nenhum homem ou mulher, não se carpa, nem depene, nem brade sobre algum finado, nem por elle, ainda que seja pae, mãe, filho ou filha, irmão ou irman, marido ou mulher, nem por outra nenhuma pena, nem nojo, não tolhendo a qualquer que não traga seu dó, e chore se quizer»

Muitas destas disposições dizem respeito a crenças que já não existem, ou são conhecidas por outras denominações. As janeiras e maias duraram até os nossos dias, e ainda no Minho se chamam maias as flores da giesteira amarella, com que se adornam as janellas no primeiro de maio; alem disso todos os que hoje vivemos nos lembramos de ver em Lisboa os maios pequeninos passearem as ruas cubertos de flores, bem como de ouvir cantar as janeiras, o que ainda dura em muitas partes das nossas provincias.

As prohibições da camara relativamente aos prantos pelos mortos, alludem ao carpirem-se e arreparem-se sobre o cadaver e por elle, depois d'enterado, certas mulheres; que diso viviam chamadas carpideiras ou pranteadeiras, e na falta destas os parentes mais proximos. Fr. Francisco Brandão diz que tal costume se acabou no tempo de D. João 1.^o; mas engana-se manifestamente, porque nos nossos chronistas se acham memorias de semelhantes prantos em epochas mui posteriores, e lá diz Gil Vicente

Prantos fazem em Lisboa
Dia de sancta Luzia
Por elrei D. Manuel
Que se finou neste dia.

Entre as superstições antigas podem contar-se os reptos, requestas, ou desafios, em que se apellava para o juizo de Deus quando um homem accusava outro de homicidio ou traição. Este costume, geral em toda a Europa, vogou muito em Portugal no principio da monarchia, sendo até declarados nos foraes de algumas terras os casos em que o duello devia servir de prova da justiça ou injustiça da accusação ou querella. Muito cedo porém começaram os nossos reis a trabalhar, por meio de leis prudentes e saudaveis, em pôr termo a este costume barbaro. D. Diniz foi o primeiro que por lei de 1318 prohibiu houvesse reptos duas leguas em redor donde estivesse a corte: — «Estabeleço e ponho por lei [diz elle] que daqui adiante nenhum Filho-d'algo não desafia, nem mande desafiar outro, nem por si, nem por outrem, perante mim, nem nos logares onde eu fôr, nem a duas leguas arredor de mim;

É aquelle que contra isto vier, morra por isso, e a desafição não valha.» — Successivas providencias se foram dando a este respeito, de modo que na ordenação affonsina apenas são permittidos os desafios no caso de traição contra a pessoa real, como se póde ver no titulo 64 do Livro 1.º dessa ordenação.

Como, porém, os reptos não tinham logar em todos os casos, e tal era o de cair a suspeita do crime em mulheres, as quaes não podiam ir defender ás lançadas a sua innocencia, havia outros meios de recorrer ao juizo de Deus. Destes eram geralmente em toda a Europa, as provas da agua fria, da agua quente, e do ferro em braza. A que se usou em Portugal foi a ultima, a qual consistia no seguinte: o accusado que queria arriscar-se á prova, depois de se confessar, e de jejuar rigorosamente por alguns dias, e de receber exorcismos, bençãos e orações de um sacerdote, ou se punha a andar descalço sobre uma vara de ferro em braza, ou pegava nella e caminhava apertando-a nas mãos por certo espaço. Se o *ferro calido* [como lhe chamavam] não produzia o seu natural effeito o culpado era havido por innocente; mas se lhe queimava os pés ou as mãos impunham-lhe a pena do crime de que fôra accusado. Já se vê que era difficilissima empreza achar innocentes por tal meio; todavia algumas tradições existem que a serem verdadeiras, provariam que a Providencia, apiedando-se dos injustamente opprimidos, suspendera algumas vezes a favor delles as leis da natureza. Juncto ao sepulchro do commendador de Leça D. Garcia Martins se conservava, segundo o testemunho de Jorge Cardoso, um ferro de arado, que, posto em braza, transportou para alli a mulher de um ferreiro accusada de adulterio. Fr. Bernardo de Brito e Fr. Antonio Brandão citam uma doação feita ao mosteiro de Arouca, por D. Tareja Soares, mulher de D. Gonçalo Mendes de Sousa, que sendo accusada pelo marido d'adulterio, recorreu, em sua defeza, á prova do ferro em braza, e saindo illesa, se recolheu ao mosteiro d'Arouca, ao qual fez uma doação, onde se menciona este successo, que seria em verdade extraordinario, se não fosse mais facil e rasoavel crer na supposiçãõ do documento do que na realidade do milagre.

Esta superstição da prova por fogo parece que ainda estava muito arreigada em Portugal no fim do seculo 14.º Quando o Mestre d'Aviz matou o conde Andeiro a rainha D. Leonor, ouvindo na sua camara o ruido que soava, mandou saber o que era, e vieram dizer-lhe que tinham assassinado o conde. «A rainha quando isto ouviu, houve grão temor, porém disse: Oh sancta Maria vale! me mataram em elle um bom servidor! — e sem o merecer; cá [porque] o mataram, bem sei porque. Mas eu pro-metto a Deus que me vá de manhan a S. Francis-co, e que mande ahi fazer uma fogueira, e ahi farei taes salvas, quaes nunca mulher fez por estas cousas.» [Lopes chr. de D. João 1.º cap. 11]. Santos, narrando este mesmo successo, acrescenta: «Alludiu ao antigo costume de se purificarem, to-mando o ferro quente, as mulheres accusadas, ou «murmuradas d'adulterio.» [Mon. Lusit. Liv. 23 c. 8]. E com effeito não é crível que a rainha na sua afflicção fizesse uma figura de rhetorica, dizendo que se queria sujeitar a um costume que já não existia; muito mais que Fernão Lopes, escriptor tão visinho daquelles tempos, parece reconhecer a actualidade de tão barbara usança, acrescentando que a rainha *tinha mui pouco em vontade de o fazer.*

Não era este supersticioso costume, que durou por tantos seculos, apenas uma invenção do vulgo. Nas antigas leis d'Hispanha, conhecidas pelo nome de

Fuero Juzgo, é expressamente ordenada a prova da agua a ferver, e a do ferro em braza, e no foral de Baçga se particularizam os casos em que taes provas tinham logar, bem como a maneira de as fazer. Transcreve-la-hemos aqui por ser grandemente curioso, tanto mais que em parte diz respeito á prova do desafio.

«A mulher, que sabidamente mover, sendo o movito por mau termo seja queimada, ou salve-se por ferro quente. E se alguma disser que é prenhe de algum homem, e elle a não crer, tome ferro quente, e queimando-se, não seja crida; mas se escapar livre do ferro, dê o filho ao pae, e crie-o como mandam as leis.»

«A mulher que *ligar* homens ou animaes, ou quaesquer outras cousas que podem ser ligadas, queimem-na, e se negar, salve-se por ferro quente; e se o ligador for homem seja agoutado e lançado fóra da terra, e se negar, salve-se por combate.»

«A mulher que der hervas peçonhentas ou for feiticeira, seja queimada, ou se salve por ferro quente.»

«A mulher que matar seu marido seja queimada, ou se livre por ferro quente. Toda a mulher que taes cousas faz, deve tomar ferro; mas não por erro de sua pessoa propria, salvo quando for approvada por má mulher, e que teve parte com cinco homens diferentes. As *terceiras* sejam queimadas, ou, se negarem, salvem-se por ferro quente.»

«O ferro que se mandar fazer por justiça para esta experiencia, tenha um palmo de comprimento, e dous dedos de largo, e tenha quatro pés [a modo de banco] tão altos, que a pessoa que houver de fazer a salva possa metter a mão por baixo. E quando o tomarem, levem-no por distancia d'outo pés, e tornem-no a pôr em terra suavemente. Mas antes o benza o sacerdote, e depois elle e o juiz aquentem o ferro, e em quanto o ferro se aquentar, nenhum homem se chegue juncto ao fogo, porque não acerte de fazer alguma feitiçaria; e a que houver de tomar o ferro primeiro se confesse mui bem, e depois seja olhada, porque não traga escondido algum feitiço. Depois lave as mãos diante de todos, e depois de limpas, tome o ferro; mas antes façam todos oração, pedindo a Deus que mostre a verdade. E depois que tiver levado o ferro, o juiz lhe cubra logo a mão com cera, e sobre ella lhe ponha estopa ou linho, e depois atem-lha com um panno, e leve-a o juiz a sua casa, e passados tres dias vejam-lhe a mão, e se for queimada, queimem-na tambem a ella.»

Vimos que a prova do fogo durou em Portugal, pelo menos até o fim do seculo 14.º Não sabemos ao certo a epocha da completa extincção deste abuso; todavia é sabido que elle estava em esquecimento no seculo seguinte. Não assim a crenga em feitiçarias que, como sabemos, durou até os nossos dias, e ainda hoje tem bastante voga entre os espiritos mais rudes.

A primeira lei, que nos lembre fosse promulgada em Portugal contra os feiticeiros é uma de D. João 1.º, do anno de 1403, em que se diz o seguinte: «Não seja nenhum tão ousado, que por buscar ouro ou prata, ou outro haver, lance varas, nem faça circo, nem veja em espelho ou em outras partes:» Esta lei foi confirmada no codigo affonsino, d'onde em substancia passou para os que se lhe seguiram. Vê-se por ella que a magia portugueza desse tempo se reduzia a uma especie d'alchimia, ou sciencia de encontrar ouro, o que, em verdade, era bem pouco se o comparar-mos ao incremento prodigioso que teve a feitiçaria no seculo seguinte.

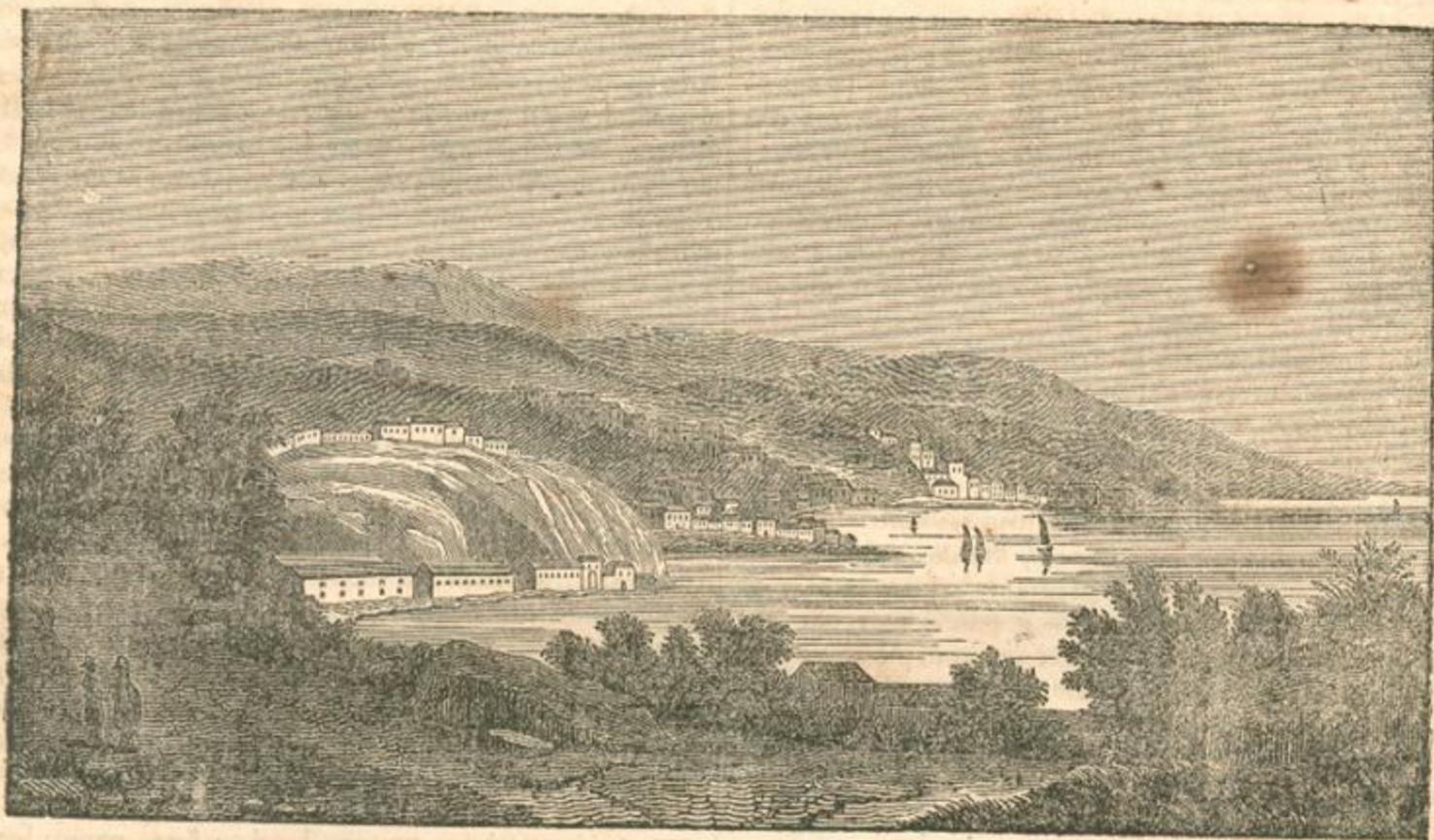
Da variedade de practicas supersticiosas que produziu esse incremento, nunca encontrámos memoria mais curiosa, que o capitulo que tracta desta materia no rarissimo livro das Constituições do arcebis-pado d'Evora, impressas em Lisboa no anno de 1534. Eis-aqui o texto da constituição primeira do titulo 25, que se intitula — *Dos feiticeiros, benzedeiros e agoureiros*:

«Deffendemos que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição que seja, tome de logar sagrado, ou não sagrado, pedra d'ara ou corporaes, ou parte de cada uma dellas, ou qualquer outra coisa sagrada; nem invoque diabolicos espiritos, em círculo, ou fóra delle, ou em encrusilhada; nem dê a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer coisa, para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a elle; nem lance sortes para adivinhar, nem varas para achar haver; nem veja em agua, ou crystal, ou em espelho, ou em espada, ou em outra qualquer coisa luzente, nem em espadua de carneiro; nem faça, para adivinhar, figuras ou imagens algumas de metal, nem de qualquer outra coisa; nem trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto, ou de qualquer outra alimaria; nem traga consigo dente, nem barão de enforcado, nem façam com as dictas cousas, ou cada uma dellas, nem com outra alguma semelhante, posto que aqui não seja nomeada, especie alguma de feitiçaria, ou para adivinhar, ou para fazer damno ou proveito a alguma pessoa ou fazenda; nem faça coisa para que uma pessoa queira bem ou mal a outrem; nem para ligar homem ou mulher, &c.»

«Outrosim deffendemos que nenhuma pessoa passe doente por silva ou machieiro, ou por baixo de trovisco, ou por lameiro virgem; nem benzam com espada que matou homem, ou que passasse o Douro e Minho tres vezes; nem cortem solas em figueira bafreira; nem cortem çobro em limiar da porta; nem tenham cabeças de saudadores encastoadas em ouro, ou em prata, ou em outras cousas; nem apregoem os demonihados; nem levem as imagens d'alguns sanctos ácerca d'agua, fingindo que os querem lançar em ella, e tomando fiadores, que se até certo tempo lhes não der agua, ou outra coisa que pedem, que lançarão a dicta imagem na agua; nem revolvam penedos e os lancem na agua para haver chuva; nem lancem joeira; nem deem a comer bollo para saberem parte de algum furto; nem tenham mendracolas em sua casa, com tenção de haverem graças, ou ganharem com ellas; nem passem agua por cabeça de cão, para conseguir algum proveito; nem digam coisa alguma do que é por vir, mostrando que lhe foi revelado por Deus, ou algum santo, ou visão, ou em sonho, ou por qualquer outra maneira; nem benzam com palavras ignotas, e não entendidas, nem approvadas pela egreja, ou com cutellos de tachas pretas, ou d'outra alguma côr, nem por cintos e ourelos, ou por qualquer outro modo não honesto; nem façam camisas fiadas e tecidas em um dia, nem as vistam, nem usem de alguma arte de feitiçaria.» —

(Continuar-se-ha.)

(A. H.)



CIDADE DE VALPARAISO, VISTA DO LADO DA ESTRADA DE SANCTIAGO DO CHILI.

REPUBLICA DO CHILI. — VALPARAISO.

O CHILI é uma das novas republicas do continente da America meridional: dilata-se ao longo das costas do Mar Pacifico por uma extensão de 1:175 milhas inglezas, variando na largura entre 100 e 200 milhas. É seu natural limite pela banda do oriente, no interior, a famosa cordilheira dos Andes, que a separa dos territorios denominados do Rio de la Plata; ao norte confina com o deserto de Atacama, que

lhe serve de fronteira para com o estado de Bolivia, ao sul fica-lhe o golpho de Guayteca, e o archipelago de Chiloe, o qual é uma provincia da republica; pelo occidente a banham as aguas do Pacifico. O barão de Humboldt assigna ao estado do Chili uma área de 14:240 leguas hespanholas ou de 20 ao grau; por consequencia vem a ser maior umas 60:000 milhas quadradas do que toda a superficie das ilhas britannicas.

Quanto á população não há bases para a calcular; mas apesar da grande extensão de territorio é summamente diminuta; póde-se fazer juizo do seu numero, sabendo-se que os geographos e viajantes, que mais largo cortaram, lhe attribuem 1:200:000 individuos, ao passo que alguns nem metade desta somma lhe concedem. O exercito da republica em 1832 compunha-se de 3:200 homens, de tropas regulares, e 20:000 milicianos. A esquadilha, que já tinha sido de doze navios, reduziu-se no mesmo anno a duas embarcações pequenas.

Quando os hespanhoes tinham destruido o imperio do Perú, Pizarro, cioso da influencia e ambição de Almagro, seu companheiro nas conquistas, o mandou explorar e subjugar o Chili. Com muita perda de gente Almagro atravessou os Andes e o deserto de Atacama, e entrou pelas provincias septentrionaes sem resistencia, porque tinham sido subditas do imperio dos incas; mas proseguindo mais para o sul encontrou as tribus mais guerreiras, de modo que não pôde obter grandes resultados da expedição. O seu successor, Valdivia, foi o guia da segunda tentativa, e conseguiu fundar a cidade de Santiago em 1541. Neste paiz se pelejaram as batalhas entre os hespanhoes e a valorosa tribu indigena dos araucanos. D. Alonzo d'Ercilla, que combateu nesta lucta sanguinolenta, foi o Homero desta guerra, e bem conhecido é entre os litteratos o seu poema, que mereceu de Voltaire um capitulo no Ensaio sobre a poesia épica. Por mais de 200 annos teimaram os hespanhoes para estabelecerem completo dominio na parte meridional, mas sem permanentes successos, até que em 1771 a abandonaram, á excepção da cidade de Valdivia, Osorno, e alguns fortes nas margens do Biobio.

Datam de 1810 os primeiros impulsos para sacudir o jugo hespanhol, e progrediram até 1814; então foram os chilenos desbaratados pelo general das tropas da metropole, Osorio. Porem em 1817 San-Martin entrou pelo Chili com o exercito do Rio de la Plata, e libertou o paiz ganhando as decisivas batalhas de Chacabuco [12 de Fevereiro de 1817] e de Maypú [5 d'Abril de 1818]. O novo governo é republicano quanto á fórma; porem as provincias não são estados distinctos e independentes uns dos outros; não ha uma federação, mas rege a todas uma legislatura e um poder executivo central. Este ultimo está nas mãos de um supremo director. O senado consta de vinte membros no seu maior numero, e na camara dos representantes entra um deputado por cada 15:000 almas. Desde o estabelecimento da constituição que tem sido continuo o conflicto dos partidos politicos; e o paiz ainda não obteve da mudança, que fez, as vantagens, que anticipadamente se calculavam.

O clima desta região é um dos mais amenos e saudios do mundo, e comparavel, na parte central, a muitos respeitos ao de Italia, sobretudo na costa maritima por não ser sujeito a subitas alternativas de calor e frio. Os mezes de Janeiro e Fevereiro são os mais quentes do anno; nesta estação, pela terra dentro, o thermometro de Fahrenheit sobe 90 a 95 graus á sombra, mas depois do pôr do sol sopra uma viração que refresca o ar e faz muito apraziveis as noites, por isso os habitantes teem o costume de fazer da noite dia. Na costa, durante os mezes de verão, sente-se o maior calor pelas 10 horas da manhã, e logo depois corre um vento sul que o modifica: o thermometro sobe ás vezes a 85 graus, de dia. Os mezes mais frios são os de Junho e Julho: é raro chover fóra do tempo que vai de Maio a Agosto. Notou-se que os invernos mais enxutos tra-

zem colheitas mais abundantes. Nunca ha neve na costa; mas de Junho até Novembro a cordilheira dos Andes está cuberta della; o sol a derrete antes de chegar Dezembro, e passado Março já se não vê. Nas tardes de verão ha frequentes trovoadas na cordilheira; divisam-se os relampagos que allumiam as assomadas em toda a linha das serras, mas por causa da distancia não se ouvem os echos dos trovões.

Todavia por maiores que sejam as vantagens que offerece o Chili pela excellencia do clima, e pela fertilidade do terreno, nada compensa o horror e violencia dos amiudados terremotos a que é sujeito: talvez que á devastação causada por tão espantosos phenomenos seja devida a despovoação de tão extenso territorio. O tremor de terra em 19 de Novembro de 1822 arrasou Valparaizo; o maior numero das casas cahiu e quasi todas ficaram sem tectos; os edificios consideraveis vieram ao chão; os ladrões e o incendio, casual ou lançado de proposito, augmentaram a devastação. Parece que estes dois flagellos são companheiros inseparaveis de phenomeno tão horroroso: grande deve ser a malicia de homens que nem ao aspecto do transtorno da natureza e do perigo geral estremecem, e abandonam os crimes!

Comtudo estas desgraças, pelo habito de as experimentar, esquecem promptamente aos habitantes; e ao cabo d'algumas semanas, os que escaparam, refugiados em barracas pelos campos, pozeram-se a levantar as casas derribadas nos mesmos locais antigos. Verdade é que a construcção faz-se depressa, porque as edificam dos tijolos que chamamos adobes, e as ruinas d'umas fornecem os materiaes para as outras.

Abaixo de Santiago é Valparaizo a cidade mais importante do Chili, por ser d'algum modo o porto daquella capital. Foi-lhe mal posto o nome porque o seu aspecto não corresponde á idéa de Paraiso: as altas montanhas que fecham o porto ao sul e a leste são quasi estereis, nem parecem susceptiveis de cultura; apenas as cobre alguma vegetação enfezada; e pelas *quebradas*, como no paiz chamam aos barrancos fundos e pedregosos, feitos pelas correntes nas serras, crescem algumas piteiras e poucos arbustos amarellentos. Os outeiros levantam-se logo da praia tão ingremes que não ha mais campo do que para uma rua que vai do mercado para um largo na mesma praia, chamado a *xarcia*. A pouca distancia fica o Almendral, arrabalde mais principal de Valparaizo, que consta d'outra rua mui larga e extensa, e de muitas casas de campo com bons jardins, hortejos, e plantações d'amendoeiras: para esta parte da bahia á beiramar constroem os pescadores as suas cabanas, e estão os matadouros do gado: raro é o anno que não aconteçam incendios violentos, que reduzem a cinzas os montões de choças com tectos de colmo e forradas de pelles: e se por acaso sopram em taes occasiões os ventos geraes nem o gado se póde salvar. A cidade propriamente dita é designada pelo nome de *Puerto* [o porto]: a rua principal, *la planchada*, ao longo da praia corre do *resguardo* ou alfandega até o arsenal: antes do tremor de 1822 havia tão sómente neste sitio uma unica morada de casas d'alguma importancia; hoje appresenta uma formosa fileira d'edificios com suas sacadas, e no pavimento inferior lojas de varios generos.

Valparaizo é praça de grande commercio, e talvez a unica nos estados, anteriormente sujeitos á Hespanha, que augmentou no trafico commercial depois de desligada da mãe-patria. Um terço deste negocio corre por mãos de subditos britannicos, outro terço pelas de francezes e de americanos dos Estados-Unidos

do norte, e o restante é feito pelas demais nações europeas e americanas. Contudo a industria do paiz está muito atrazada, e os objectos d'exportação consistem em productos de agricultura.

Defendem a cidade por mar e terra quatro fortalezas. Entre ella e a capital, Santiago, haverá 21 $\frac{1}{2}$ leguas de 18 ao grau: a estrada admite segas, mas o transporte das fazendas faz-se em cargas levadas por machos, ou em carradas puxadas a bois: no caminho atravessam-se alguns taboleiros ou terrenos levantados e chãos, que se communicam mediante encostas escarpadas até que se chega ao alto da *cuesta del Prado*, por onde se desce para a planicie de Santiago.

O ancoradouro do porto é seguro na maior parte do anno, isto é, de Setembro ao fim d'Abril seguinte. Ha viveres e bastimentos em abundancia e baratos, á excepção d'agua, porque é necessario compra-la aos aguadeiros, que a transportam das fontes muito pela terra dentro ás costas em barris.

As *quebradas* de que fallámos, que são numerosas, entram muito pelas montanhas: e são povoadas principalmente por lavadeiras para aproveitarem os fios d'agua que pelo fundo dos barrancos correm socegadamente no verão, mas que engrossados pelas chuvas no inverno degeneram em torrentes impetuosas que arrebatam casas e moradores, acontecendo todos os annos muitos desastres e mortes; mas os indigenas, por mais que se lhes diga, continuam na primavera a reedificar na mesma parte as palhoças arrazadas. — A população de Valparaiso será de dezeseis a dezoito mil almas.

RUAS E CALÇADAS.

II

Os passeios e lagedos constituem a belleza das cidades d'Inglaterra. Na parte chamada a cidade, aonde existe o centro do commercio, são as ruas geralmente estreitas, não mui direitas, e os passeios tão estreitos que alguns delles não teem mais de meia vara de largura. Abriram-se ultimamente dez ou doze ruas mui espaçosas, e com particularidade a de Farringdon, cujos passeios são de mais de seis varas de largo. Para o lado d'oeste ou Westminster, aonde existe a parte mais extensa da cidade de Londres, encontram-se passeios magnificos pelos quaes transitam milhares de individuos sem perigo d'encontrões, ou de atropelamentos. — A largura destas ruas varia muito: — Potland Place tem quasi quarenta varas: — Regent Street, a mais soberba rua da Europa, conta umas trinta varas de largura, e obra de um quarto de legua de comprimento: — Oxford Street tem meia legua de comprimento em linha recta, e vinte e cinco ou trinta varas de largura — as outras ruas contam ordinariamente vinte varas de largo.

Em París acham-se poucas ruas com passeios, falta que Bonaparte tencionava remedear, devendo-se a elle os que alli existem. As de Madrid são mui limpas e bem calçadas, porem os passeios mui estreitos e incommodos.

As ruas de Lisboa são em geral mui transitaveis; e ás da denominada cidade baixa não se lhes exaggera o merito chamando-lhes magnificas. Desde 1833, em que a municipalidade electiva substituiu o antigo senado da camara, tem a capital recebido consideraveis melhoramentos, assim no que respeita aos edificios como no tocante ás ruas e sua limpeza, de que n'outro tempo se não curava. As diferentes camaras municipaes eleitas desde aquella epocha teem

á porfia desenvolvido o mais desinteressado e louvavel zelo por tudo quanto póde concorrer para o aformoseamento do municipio. As ruas acham-se calçadas de novo, e sem os pejamentos que outr'ora tornavam desagradavel, se não difficil, o transito: os passeios de lagea, até aqui só privativos das ruas da cidade baixa, encontram-se hoje em muitas outras dos diversos bairros da capital, com grande commodidade dos viandantes. Lamentámos todavia que ao systema de arborisação a que a municipalidade de Lisboa deu começo em 1834, que tanto concorreria para a purificação do ar, attracção dos miasmas, e outras vantagens de salubridade publica, se não desse maior extensão. Esperámos contudo que este importante objecto venha a dever-lhe o mesmo zelo e actividade que lhe mereceu a abertura de novas ruas, o que muito facilita as communicações da cidade, e o alinhamento d'outras que bastante a aformosea. Do systema de Mac-Adam já se fez ensaio na bella estrada que vai de Lisboa a Cintra, e ultimamente na que se está construindo desde o sitio da Madre de Deus até Sacavem.

As cidades de Alemanha estão pessimamente calçadas. Em Berlim, posto que haja magnificas ruas por serem mui planas, acham-se contudo mui desigualmente empedradas, e sem passeios. Até a celebrada Linden, com as suas cem varas de largo, e os seus magnificos palacios, soffre tanto daquelle mal, que apenas se póde transitar por uns pequenos passeios de pedra, com excepção do sitio junto á porta de Brandeburgo; mas em compensação tem o viandante o desafogo de poder caminhar pelo meio de quatro formosas ruas de tilias que a ornão. Em Munich só são calçadas em quadrado as ruas de Ludwig Strasse e outras modernamente construidas. As de Dresde teem um empedrado muito inferior ao de Lisboa e Madrid. Darmstad é a unica cidade de Alemanha aonde se veem ruas magnificas a todos os respeitos: é uma cidade de dez mil habitantes, porem de maior extensão que outras de duzentas mil almas. Emquanto a ruas, asseguram-nos que as de Petersburgo são as mais esplendidas da Europa. As das cidades de Hollanda sendo, como são, empedradas de tijolo de extraordinaria dureza não carecem de passeios; e alem disso a fórma da sua construcção concorre muito para que se conservem em bom estado. Nas ruas de Amsterdam é raro ver uma carruagem; e posto que seja cidade de mais de 200:000 habitantes, apenas se encontrará alli um ou outro cavallo; mas em frente de cada casa está sempre meia duzia de barcos para facilitar as communicações. Com tanta agua e tão pouco transito, que admiração póde causar acharem-se as ruas de Amsterdam sempre limpas e em bom estado?

Na America assim do norte como do sul o risco das cidades é mais regular que na Europa, sendo em geral as ruas do Mexico, Lima, Chili, e Buenos-Ayres mais bem dispostas e elegantes que as do velho mundo: muitas dellas teem excellentemente empedrado; e ainda que as casas sejam baixas, nada isso diminua a belleza das mesmas ruas.

A cidade de Havana foi singular a respeito do assumpto de que tratámos: — as ruas não eram calçadas, mas de madeira, o que formava um solo mais firme e igual do que se fôra de pedra, havendo alem disso mais facilidade de repara-las. Transitar pelas ruas de Havana era o mesmo que andar sobre as pontes do Rheno ou de Sevilha, sem o incommodo do movimento de trepidação: presentemente são em geral *macadamisadas*.

ESTABELECIMENTOS DE CARIDADE EM ROMA.

ROMA, capital do mundo catholico, devia ministrar o exemplo da caridade: acharemos que assim é, passando breve revista ás instituições que encerra, destinadas a socorrer a humanidade enferma ou desvalida. Será nosso guia Mr. de Poujoulat na obra que publicou sobre a Italia no anno passado.

O principal e mais grandioso edificio deste genero em Roma, e tambem o que maiores auxilios presta, é o vasto *hospicio de S. Miguel*, fundado pelo papa Sixto 5.^o, e augmentado com o andar dos tempos por alguns dos seus successores; está situado sobre o caes ou *ripa* do Tibre, proximo á ponte *Cestio*; abriga 500 a 600 pessoas idosas e orphãos d'um e outro sexo, as quaes se repartem em quatro comunidades, com refeitório e dormitórios á parte. As donzellas permanecem no recolhimento por toda a vida, á excepção das que casam: trabalham em fitas, galões e plumas pelo que recebem seu estipendio. Neste edificio ha quasi toda a casta de officinas, sendo a mais consideravel a manufactura de pannos, que servem para habitos de frades, fardamentos de soldados, e os mais finos para vender a particulares. Todas essas officinas em continuo movimento appresentam no hospicio, que é immenso, a perspectiva d'uma cidade, onde todos trabalham. Tambem alli se cultivam as artes; e se ensina esculptura, pintura e musica. Ha 600 operarios que trabalham por conta do estabelecimento pagos por este: os orphãos de menor idade aprendem um officio, e quando tem vinte annos já o sabem perfeitamente, e podem sahir a ganhar sua vida. A casa subsiste de dotações especiaes e do producto das suas fabricas. «Admirou-me muito [diz Mr. Poujoulat] o extremo aceio deste asilo magnifico: e é observação geral que os edificios de mais apurada limpeza em Roma são os templos e os hospicios e hospitaes.»

Dos hospitaes d'enfermarias para doentes o principal é o chamado do Espirito-Santo, entre o Tibre e o Vaticano, tem boa renda, e capacidade para 1616 enfermos. — O de S. Salvador na vizinhança de S. João de Latrão data do seculo 13.^o, é destinado para mulheres, quaesquer que sejam as suas idades, condições, religiões, e patrias: contem duzentos leitos: é servido pelas irmaãs hospitaes instituidas em 1321 pela princeza Doria Pamphili, que intentou introduzir em Roma o instituto das irmaãs da caridade segundo a regra admiravel do homem caridoso por excellencia, S. Vicente de Paulo.

O hospital de S. Giacomo, chamado *in Augusta*, por causa da proximidade do tumulo de Augusto, foi creado pela generosidade do cardeal Colonna, pelo meado do seculo 14.^o; é tanto para homens, como para mulheres, e dedicado a receber os pobres atacados por ulceras e feridas que inspiram tedio e nojo. Tem sallas para 350 doentes, laboratorio, jardim, bibliotheca, e theatro anatomico. Goza de boas rendas para sua sustentação.

Santa Maria da Consolação reune mais dois hospitaes que o pontifice Alexandre 3.^o ajuntou. Serve para o curativo das victimas de accidentes inesperados, como feridas, fracturas, contusões graves. É curioso ver um estabelecimento de similhante natureza ao lado da *rocha tarpeia*, donde em os primeiros tempos do povo romano eram despenhados os criminosos. Notou-se que este hospital se enche no carnaval ou entrudo, e no tempo das vindimas, em resultado das brincadeiras e da embriaguez. A confraria de N. S.^a da Consolação tem a seu cargo a administração desta casa, onde ha tambem escholas de chirurgia.

O hospital do Espirito-Santo em Roma foi o primeiro asylo para os expostos ou engeitados, que se abriu na Europa, instituido em 1198 pelo papa Innocencio 3.^o — Note-se tambem que foi um summo pontifice romano, Clemente 11.^o, em 1703, quem primeiro concebeu a idéa das prisões, ou systema penitenciario, de que tanto se falla hoje.

O que se denomina de S. João Calabita está situado na ilha do Tibre, no local do templo d'Esculapio; e onde antigamente os pagãos hiam consultar os sacerdotes do nome da medicina, ha hoje uma vasta e bem provida botica, que é uma das principais rendas do estabelecimento. Porem neste hospital sómente são admittidos os que são recommendados pelos bemfeitores da casa; aliás o doente é obrigado a dar uma esmola ou compensação. Este edificio e a sua applicação, e o assento do templo do gentilismo, que occupa, provam a fidelidade com que se conservam em Roma as tradições atravessando as revoluções dos seculos: tudo ahi permanece em vestigios e lembranças do passado. Diz a tradição que debaixo de uma figueira na encosta occidental do monte palatino foram achados Romulo e Remo, os fundadores da cidade poderosa: a antiga superstição levava á figueira celebre as creanças molestas para que obtivessem cura: e esta recordação dura ainda hoje no costume de conduzirem as mães os filhos enfermos á pequena igreja de S. Theodoro, que fóra um templo de Vesta, e que fica perto do sitio onde estivera a figueira.

Para leprozos e tinosos ha o hospital de S. Gallicano, com salões bem arejados, e banhos forrados de marmore: ahi são os miseraveis lazarus tractados com esmero, decencia, e caridade. — *Santa Maria da Piedade* é o titulo da casa onde se recolhem os orates: porem o numero de loucos na Italia é diminuto, e é infinitamente maior em França e Inglaterra, o que facilmente se explica pela perturbação moral que agita estes dois reinos.

Alem destes hospitaes publicos, cada nação tem em Roma o seu hospicio, enfermaria, e igreja particular. A França tem S. Luiz Rei de França, a Hespanha N. S.^a de Monserrate, Portugal S.^{to} Antonio, a Alemanha Santa Maria della Anima, a Lombardia S.^{to} Ambrosio e S. Carlos, onde o varão apostolico, S. Carlos Borromeu, serviu os doentes e prégou, a Polonia S.^{to} Estanisláu, Lucca S. Boaventura proximo ao palacio Quirinal, Florença S. João, na rua julia, Sicilia S.^{ta} Maria d'Istria, e Genova S. João Baptista. Todas estas casas eram primitivamente hospedarjas para os peregrinos pobres; mas tantos monumentos de nações diversas já não são sombra do que foram.

Na antiguidade, como os poetas e historiadores nos informam, era grandissimo desar e infortunio o ficar sem sepultura. A religião christã parece ter conservado essa tradição remota, que desde tempos immemoriaes a voz da consciencia ensinou aos homens: e em Roma ha confrarias, cujo especial encargo é vigiar que não fiquem insepultos os cadaveres humanos: os confrades, com opas e capuzes negros e brandões accesos nas mãos, transportam no seu esquite os defuntos, e caminham processionalmente, precedidos do seu pequeno painel e psalmeando o *Miserere*. Não ha vista tão tristonha e lugubre como estes enterros; é ver passar a morte com o seu mais feio acompanhamento. — A *confraria da morte e oração*, creada em 1551, tem a seu cuidado sepultar os mortos que se acham pelos campos, e, qualquer que seja a hora ou a estação, os irmãos vão buscar os corpos ainda que fossem achados a oito leguas de Roma. Ha nesta confraria uma

pratica assaz curiosa, e que tem tal ou qual analogia com a *casa dos finados* a Santos em Lisboa. No oitavario dos fieis defuntos dão os confrades, no cimiterio junto ao seu oratorio, sito na *rua julia*, um espectáculo funebre pela seguinte maneira. Figuras de mortos, feitas de cera com summo artificio, e vestidas de roupãs conforme as diversas allegorias que representam, são collocadas naquelle sitio de modo que offerecem recordações d'algumas passagens dos livros sagrados; celebra-se então o officio pelos defuntos com grande solemnidade perante aquellas figuras. Repete-se igual cerimonia em mais alguns cimiterios da mesma cidade.

Roma encerra um grande numero de recolhimentos para donzellas desamparadas, que tambem admittem pensionistas, e em dois delles, *S. Paulo Eremita* e *S.^{ta} Euphemia*, teem direito a serem admittidas as filhas dos empregados de certas repartições do Estado Pontificio.

Emfim alem destes estabelecimentos de caridade, ha differentes casas de refugio para viuvas pobres, outras destinadas para nellas se dar que fazer aos operarios que pedem trabalho, e muitas escholas primarias, que no pontificado de Leão 12.^o, fallecido em 1829, receberam um admiravel complemento de organização, tal que pôde servir de modelo para as nações mais civilizadas.

Sobre este assumpto é mui digna de se consultar por todos os que teem a seu cargo fundar, ou reformar instituições de tal natureza, a obra italiana de monsenhor Marichini, intitulada: *Ensaio historico e estatistico sobre os publicos institutos de caridade e de instrucção primaria em Roma*: livro que Mr. Poujoulat recommenda que seja vertido na lingua franceza.

UM HOMEM SÓ MAREANDO UM NAVIO PELO OCEANO.

EXTRAHIMOS do *Despertador*, periodico do Rio de Janeiro, o seguinte factó extraordinario e talvez unico nos annaes da navegação, que vem largamente relatado e com os respectivos documentos em o N.^o 75, de 30 de Junho de 1838.

Manuel da Costa Corrêa, natural do logar de Gudifellos, termo de Barcellos, no Minho, que por muitos annos residira no Brasil, estando já neste reino viu-se na precisão de ir á ilha de S.^{ta} Catharina cobrar uma herança que a elle e a sua irmã legára José da Costa Corrêa, seu irmão, fallecido na cidade do Desterro. Depois dos obstaculos d'uma demanda alcançou entrar na posse da herança, que reduziu a fazendas, e as carregou a bordo d'uma sumaca, que comprou; quasi ao levantar anchora, um embargo promovido [ao que parece] pela parte contraria o obrigou a voltar para terra; neste intervallo a tripulação por suggestões d'algum abandonou o navio, e levantando-se um forte temporal as auctoridades mandaram gente n'um escaler soccorrer a sumaca; mas o escaler desamarrado corria imminente perigo. Em lance tão apertado Corrêa mette-se n'uma pequena canoa, vai a bordo, salva o escaler, sósinho suspende e larga as velas, bordeja, e a final dá fundo em logar que reputa mais seguro; conhece porem logo que ainda a embarcação corre o risco de naufragar, persuade então a gente do escaler do perigo em que estava, resolve-a a ir para terra onde a vai deitar, torna para bordo, recolhe a lancha, suspende de novo, marêa, governa o leme, em fim elle só faz todo o serviço d'uma tripulação, e demanda outro abrigo; mas breve observa que a uma das suas anchoras falta o cepo, e que a outra

tem amarra fraquissima, e portanto que se alli fundêa vai dar infallivelmente á costa. Resolve com intrepidez nunca vista procurar o mar alto e lutar com a furia dos elementos revoltos pela violencia da tempestade. Se um tão ousado feito não fosse praticado ha obra de dois annos e evidentemente testemunhado, comprovado até por auctoridades legaes, se nos fosse transmittido pelas historias de tempos remotos, custaria a acreditar como era possivel que um só homem guiasse um navio no meio da tormenta, navegando por sete dias, forçado ao trabalho da mareação que emprega muitos braços, e alem d'isso reparando as amarras e mais objectos, preparando tudo para fundear, como o effeituou no porto de Santos. Mas o factó ahí está; e ainda nisto não pára toda a energia physica e moral, que desenvolveu este homem animoso. — Pensava elle que ao entrar no porto de Santos estava salvo e livre de calamidades; mas apenas fundêa investem com a embarcação guardas brutaes, é accusado ora de ter assassinado a tripulação, ora de demencia, e o espancam e maltratam por tal fórma que mettido n'uma prisão lhe applicam o tractamento dado aos loucos, e em quanto os cauterios, as sangrias copiosas, e a privação d'alimentos lhe attenuam a existencia, o seu navio com a carga é arrematado em hasta publica. — No meio destes trabalhos e angustias Manuel Corrêa não succumbe, tenta evadir-se, mas apprehendem-no; e redobra por tanto contra elle a vigilancia e oppressão, mas a final consegue fugir; mas como? . . . sem alimentos nem recursos sóbe por encostas escabrosas, atravessa matos virgens e chega á cidade de S. Paulo, onde é melhor acolhido; daqui desce ao porto de S. Sebastião, e embarca para o Rio de Janeiro. Nesta capital do imperio brasilico estava este homem extraordinariamente animoso, no meado de 1838, sollicitando do governo justiça e a restituição de seus bens.

DISCORRIAM alguns na presença do nosso D. Pedro 1.^o sobre os triumphos dos heróes da antiguidade: elrei, que era muito entendido, depois d'algumas observações rematou dizendo: — Quando Cesar entrava triumphante puxavam pelo seu coche quarenta elephantes; pela carroça de Marco Antonio puxavam leões; pela de Aureliano quantidade de veados: e isto uma de duas; se era verão, mais poeira, e se era inverno mais lama. E estas são as vaidades do mundo, ou muito lodo ou muita poeira.

MANDARAM a certo bispo um açafate de peras mui formosas, já sóra de tempo; e entrando o prelado no cuidado de quem lh'as guardaria, se lhe offereceu para isso um sobrinho, a quem havia pouco tempo tinha dado a administração d'uma parochia. — Não as fio de ti [disse o bispo]. Ao que um dos circumstantes retorquiu: — Pois vossa illustrissima fia delle tão grande numero de almas, e não se atreve a confiar-lhe umas duzias de peras!

PEDIU certo mancebo a elrei D. João 3.^o um officio que por morte de seu pai vagára: foi a petição a informar ao védor da fazenda, a quem tocava, e neste tempo interveio um contador allegando que sem mais ordenado o serviria. Fez isto presente a elrei o védor dizendo que com um salario se serviam dois logares, e não havia necessidade d'outro homem. « Pois bem, [respondeu elrei] mas o outro homem tem necessidade do officio. » E ordenou que lhe fosse dado.